



Dia 25 de agosto de 1943: inauguração do Marco em Memória às Moças Operárias, obelisco que destaca as vítimas da explosão e no qual Anoema não consta

# Em memória de Anoema

POR RODRIGO LOPES

Em 2018, quando a grande explosão de 1943 na Metalúrgica Gazola completa 75 anos, uma personagem esquecida dos tempos de guerra ressurge

**A**noema da Costa Lima não figura entre as sete operárias homenageadas com uma placa de bronze e um obelisco no pátio da antiga Indústria Metalúrgica Gazola. Não morreu na hora da grande explosão de 22 de julho de 1943, como as colegas Graciema Formolo, Olívia Gomes, Júlia Gomes e Maria Bohn. Nem uma semana depois, como Tereza Moraes e Irma Zago, acamadas no Hospital Pompéia devido aos graves ferimentos. Tampouco viveu com a terrível marca da tragédia pelos 60 anos seguintes, caso de Odila Gubert, a jovem que teve a perna amputada em 1943, aos 20, e faleceu em 2003, aos 80.

Anoema da Costa Lima foi a última a sucumbir naqueles tempos de guerra,

quando a Gazola, Travi & Cia foi encampada pelo Exército Nacional para produzir artefatos bélicos. Morreu em 14 de janeiro de 1945, um ano, cinco meses e 21 dias após a sequência de estampidos que destruiu a fábrica de munições, na BR-116. Anoema, porém, teve sua biografia totalmente ignorada pela história. Figurou nas páginas do jornal O Momento esporadicamente, entre 22 de julho de 1943, o fatídico dia da explosão, e as semanas subsequentes à morte, em 14 de janeiro de 1945. A partir daí, ficou brevemente conhecida como a vítima que foi abandonada pelos médicos e enterrada sem a família receber o atestado de óbito com a causa mortis.

Anoema da Costa Lima contava 17 anos em julho de 1943. Nascida em 19

de janeiro de 1926, a filha de Archemimo Ribeiro de Lima e Maria Rita da Costa Lima era a terceira de uma prole de nove irmãos: Ary, Adayl, Aracilda, Agenior, Alzira, Anoyr, Nilza e Juvelina. Atuando havia apenas oito dias no pavilhão principal da fábrica, Anoema foi brutalmente atingida não apenas pelo teto que veio abaixo com os estouros. Conforme matérias publicadas pelo jornal O Momento, a jovem ficou 34 dias internada no Hospital Pompéia devido à grande quantidade de estilhaços de ferro e aço espalhados pelo corpo e pela cabeça.

Anoema da Costa Lima e sua trágica história chegaram à primeira página do jornal O Momento em 27 de janeiro de 1945, 13 dias após a morte. Foi quando o semanário alertou: "A vítima foi sepul-